

DA CIÊNCIA PORTUGUESA VAI NASCER O PAÍS MODERNO

«O desenvolvimento científico e tecnológico constitui para o nosso país um projecto nacional e o grande desafio do nosso tempo», declarou, ontem, Mário Soares, no discurso de abertura das Jornadas Nacionais de Investigação Científica e Tecnológica, cujos trabalhos se prolongarão até sexta-feira no Fórum Picoas, em Lisboa. A iniciativa assinala, simultaneamente, o lançamento do programa mobilizador de ciência e tecnologia da INICT.

Organizadas pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, organismo central de coordenação e fomento da investigação científica nacional, dependente do ministro responsável pela coordenação científica — o ministro do Plano e Administração do Território — estas jornadas são, assim, de âmbito e significado nacionais. Nelas estão presentes largas centenas de cientistas nacionais e estrangeiros, grande número de empresas, laboratórios do Estado, instituições privadas de investigação e desenvolvimento, bem como muitos técnicos da administração. Numerosos elementos da comunidade científica internacional propõem-se, deste modo, apresentar e discutir propostas importantes para o futuro da ciência e da tecnologia em Portugal.

Consciente da importância desta iniciativa, Mário Soares identificou a sua presença na sessão inaugural com o facto de ele próprio considerar o desenvolvimento científico e tecnológico como uma prioridade nacional no actual momento histórico português.

Se fomos capazes de vencer este desafio — disse —, como estou certo que acontecerá, ganharemos, em uma ou duas gerações, o que perdemos em muitas décadas de paralisia, de indiferença e de dogmatismo.

Aceitou Mário Soares que estas jornadas, pela qualidade e nível superior dos seus participantes, constituam um verdadeiro «fórum» da ciência portuguesa. «Por aqui, creio eu, passa uma das linhas que dividem o país antigo do país moderno que nasce sob os nossos olhos».

Comunidade científica não teme comparação

Depois de acentuar que a nossa comunidade científica não temia ser comparada com a dos países mais desenvolvidos, afirmou constituir uma responsabilidade nacional proporcionar aos nossos cientistas os meios

para que possam exercer nas mais favoráveis condições a sua actividade, que é absolutamente vital para o país.

«Seria uma falta imperdoável se, por incúria, erro ou cegueira, os poderes públicos deixassem perder a oportunidade histórica que nos bate à porta».

Ponderou depois a importância da função primordial das universidades no desenvolvimento científico e tecnológico, para acentuar, ainda, que a sua ligação às empresas é vital para o desenvolvimento da economia e para a criação de melhores condições de vida para todos. Cumpriria também à Universidade a tarefa inadiável de sensibilizar a opinião pública portuguesa para a importância vital do combate em favor da modernidade.

«Nesse sentido, como presidente da República, julgo ser meu dever afirmar com clareza que considero o desenvolvimento científico e tecnológico como um autêntico designio nacional, que não pode ser objecto de um amplo consenso nacional. Está em causa o futuro de

Portugal e das jovens gerações de portugueses».

«Estamos a viver a nossa «movida»

«Suponho não exagerar dizendo que em Portugal também estamos todos a viver a nossa «movida», tendo o subconsciente colectivo nacional orientado para a ciência e a tecnologia essa onda optimista e dinâmica

em que a alegria de fazer coisas adquire uma dimensão social de relevo por todos sentirem que podem contribuir para a resolução de alguns dos mais instantes problemas do país», acentuou, na mesma cerimónia, Valente de Oliveira, ministro do Plano e da Administração do Território, o qual começou por se referir aos nossos vizinhos espanhóis, que designam por «La movida» a onda cultural, muito dinâmica que o estímulo das artes determinou e

se generalizou a todos os aspectos da vida da sua capital.

Afirmou que em Portugal esse movimento está apenas em esboço, sendo nossa responsabilidade, e também nosso privilégio, o dar-lhe consequência e dimensão; fazê-lo de modo eficaz, sem individualismos estereotipados, com obstinação nos propósitos, mas com a maior versatilidade no instrumental a usar, constitui um repto a que não podemos deixar de responder com empenhamento, porque a forma como o fizermos determinará, em larga extensão, aquilo que seremos no futuro.

Reforçar a educação de base

Depois de enunciados fundamentos que explicam o facto de esse movimento não acontecer por acaso, designadamente a massa crítica nas universidades, os contactos com os centros estrangeiros e um pequeno incremento absoluto nos montantes destinados ao fomento da investigação, disse o ministro:

«Não se pode querer uma sociedade com capacidade de inovação se não se cultivarem os ingredientes básicos que esta tem de integrar; ora isto passa pelo reforço de base de educação formal de todos os portugueses, pela sua formação profissio-

nal e pela valorização da sua cultura tecnológica. Não vou elaborar sobre o conteúdo dos «currículos», nem sobre a importância dos métodos pedagógicos que mobilizem e fomentem o espírito de iniciativa e a curiosidade científica. Quero só chamar a atenção para o facto de serem inconsequentes quaisquer «esforços» de promoção da inovação que visem somente a comunidade científica, porque esta constitui somente um subsistema que não se põe em movimento se todos os outros mecanismos não estiverem lubrificados, acompanhando a sua evolução, permitindo-a e, algumas vezes mesmo, impulsionando-a. A actuação, no que respeita ao fomento da ciência e da tecnologia tem, por isso, de ser muito ambiciosa, bulindo nos valores e moldando as capacidades desde muito cedo. Ela tem que representar

um empenhamento colectivo no qual todos sintam que têm uma parte de responsabilidade, limitando-se os poderes públicos às funções de catalisador, de divulgador de oportunidades, de promotor da ligação entre expressos de procura e

possibilidade de oferta, de criador de um clima favorável ao desenvolvimento de uma cultura técnica, do espírito científico, da capacidade de empreender e da confiança na realização».

Depois de indicar as diferentes formas de intervenção do Estado, afirmou que, no que respeita a investigação aplicada, a tendência será para favorecer, cada vez mais, a investigação dentro das empresas ou aquela que, por conta delas ou sob contrato, elas queiram financiar nas instituições do Estado.

As mudanças tecnológicas

Mariano Gago, presidente da INICT, declarou, por sua vez, terem sido preparadas propostas de programas de dinamização de vastos sectores científicos para serem orientadas nas jornadas.

Num balanço do que tem sido a actividade do departamento que dirige, Mariano Gago acentuou que a INICT propôs à comunidade científica e tecnológica a elaboração de projectos de programas nacionais de dinamização dos grandes sectores ho-

zontais de onde emergem hoje algumas das mais relevantes e promissoras mudanças tecnológicas: as ciências dos materiais, as ciências e tecnologias da vida, as tecnologias de informação.

Pôs ainda a INICT a consideração da comunidade e encomendou estudos em outras áreas cujo desenvolvimento deveria, em seu entender, ser estudado e programado à escala nacional. O mesmo fez em relação à investigação científica e tecnológica associada a sectores verticais, como as ciências agrárias ou a investigação em energia, ou ainda em relação ao sector das ciências sociais e humanas, entre vários outros.

Afirmou, por fim, que a INICT retirará dos trabalhos das jornadas e dos seus debates, conclusões e linhas de força consensuais onde, a título imediato, irá fundamentar algumas das orientações específicas do seu próprio programa de fomento da investigação científica e tecnológica em Portugal que este ano, como é público, se alargará a todos os domínios científicos e tecnológicos, assumindo a forma usual de concurso público com total transparência na apresentação e na avaliação de projectos.

Panorama dramático

Mariano Gago sublinhou, ainda, serem dramaticamente insuficientes os recursos humanos para investigação científica e tecnológica de que o país carece.

«É ainda diminuto, cronicamente diminuto, o investimento financeiro que o país carece em matéria de investigação e desenvolvimento experimental — quando esse investimento, em pessoa, em instrumentos científicos, em oficinas e bibliotecas especializadas, é base essencial para o desenvolvimento e criação de riqueza futura, é condição decisiva para um país moderno e culto».

As jornadas, além dos trabalhos científicos, englobam visitas a vários institutos e laboratórios do Estado, ligados à investigação e ao desenvolvimento das tecnologias.

*Investigação Científica
Jornadas*

| | |
|-----|----|
| Dia | 1 |
| | 2 |
| | 3 |
| | 4 |
| | 5 |
| | 6 |
| | 7 |
| | 8 |
| | 9 |
| | 10 |
| | 11 |
| | 12 |
| | 13 |
| | 14 |
| | 15 |
| | 16 |
| | 17 |
| | 18 |
| | 19 |
| | 20 |
| | 21 |
| | 22 |
| | 23 |
| | 24 |
| | 25 |
| | 26 |
| | 27 |
| | 28 |
| | 29 |
| | 30 |
| | 31 |